

OBSCENA

ORLAN, JEAN-LUC GODARD E WALID RAAD
a vida antes ou depois da arte?

**CLARA ANDERMATT
E CRISTINA CARVALHAL**
escolher fazer

NUNO RAMALHO
quer pintar o retrato oficial
do Presidente da República

**PRINCÍPIOS ORIENTADORES
DE UMA POLÍTICA PARA O SECTOR CULTURAL**
as nossas propostas

Do novo mundo que há-de vir

MITOS · UTOPIA · REVOLUÇÃO · HISTÓRIA · ARTE

vol. 1/2



NÃO HÁ PERIFERIA, SÓ HÁ CENTROS.

Terá certamente reparado que, na capa deste novo número da OBSCENA, surge a informação de que esta é a primeira de duas partes de um volume temático. Quando começámos a desenhar este número percebemos, desde cedo, que a sua publicação iria coincidir com uma série de efemérides e acontecimentos que, como é nosso hábito defender, moldam (no passado, no presente ou no futuro) as leituras sugeridas. Desde o calendário eleitoral nacional ao vigésimo aniversário da queda do muro de Berlim; do primeiro aniversário da eleição de Barack Obama ao início de uma legislatura, logo, de um novo (outro) perfil para o Ministério da Cultura. Um contexto politicamente intenso, não só de um ponto de vista estratégico, mas também filosófico, que se cruza com um outro quadro, focado no plano artístico mas, evidentemente, com ecos políticos. Entre eles os cem anos do manifesto futurista de Marinetti, a celebração de um outro centenário, o da criação dos Ballet Russes, o simbolismo nacional que é terem passado vinte anos desde a Bienal Universitária de Coimbra, que oficializou a Nova Dança Portuguesa, e os dez anos sem Amália Rodrigues. A isto se juntam os desaparecimentos que marcaram os meses recentes, quer no plano nacional (Raúl Solnado, Vasco Granja, Morais e Castro, João Vieira), quer no internacional (Merce Cunningham, Pina Bausch, Irving Penn, Michael Jackson). Sabendo que o programa era vasto, e aprendendo com o tempo que uma ambiciosa cobertura não significa directamente a melhor das coberturas, fomos começando a apontar palavras-chave que ajudassem a melhor compreender o tratamento editorial a dar a tão diversas hipóteses. Dividir a abordagem por duas partes permite-nos fazer diferentes viagens entre planos individuais e colectivos. Chegámos assim a uma lista que inclui temas e ideias (ou fundamentos) como utopia, história, identidade, inscrição, felicidade, mito ou risco.

Tendo vindo a abandonar o formalismo das secções e dos dossiers, e apostando cada vez mais numa construção sobre a forma de palimpsesto, aproveitámos ainda para reflectir sobre algumas das questões que temos podido encontrar, por coincidência ou programação, nas agendas dos espaços culturais e nos discursos dos artistas. Muitas destas temáticas têm sido recorrentes nos últimos anos, sobretudo quando entendidas como tangenciais a outras mais urgentes: interculturalidade, miscigenação, liberalismo económico aplicado à arte, definição de fronteiras entre a criação artística e os fenómenos mediáticos para-performativos. Nós próprios já as abordámos de diferentes formas.

Decidimos, por isso, ir à procura de nomes, ideias, espaços e propostas, tanto no plano individual como no colectivo, que pudessem responder ou perguntar, com a mesma liberdade e abertura, sobre os modos de lidar com estes temas. Quisemos, com esta agenda complexa, perguntar como podemos contribuir para uma leitura do que nos rodeia, seja com impacto microscópico ou mais vasto, sejam estas escolhas mais ou menos claras, definitivas ou errantes.

Chegámos a estes nomes (e aos que se seguirão) orientados, nuns casos, pelos condicionalismos do calendário de apresentações, noutros pela complementaridade temática, noutros ainda pela simples oportunidade de sobre eles escrevermos. É essa ideia de reacção em cadeia que justifica a utilização da bomba atómica como imagem de abertura, bem como a citação bíblica em epígrafe com que abrimos esta primeira parte. Continuamos em Dezembro. [G3](#)

Tiago Bartolomeu Costa

OBSCENA

revista de artes performativas

Este número dedicamo-lo à memória da Isabel Alves Costa, querida amiga, a quem pertence o título do editorial.

Director

Tiago Bartolomeu Costa | tiago.bartolomeu@revistaobsцена.com

Editor de Imagem

Martim Ramos | martim.ramos@revistaobsцена.com

Direcção de Arte

Pixel Reply  | www.pixelreply.com

Assistência de produção

Vera Sofia Mota | verasofiamota@revistaobsцена.com

Webmaster

Vasco Sá | vasco.sa@revistaobsцена.com

Colaboram neste número

Adolfo Mesquita Nunes, André Dourado, André e. Teodósio, António Pinto Ribeiro, Anthoni Dominguez, Bernardo Monteiro, Cláudia Lucas Chêu, Cristiane Bouger, Daniel Silva Branco, David Sanson, Florent Delval, Francisco Valente, Jaime Conde-Salazar Pérez, João Carneiro, João Magalhães, Luísa Roubaud, Miguel Magalhães, Olga Roriz, Pedro Ludgero, Pedro Manuel, Rui Hermenegildo, Nuno Ramalho, Thomas Hahn e Tiago Manaia,

Agradecimento especial:

Elias Sanbar, Biebienne Verstraeten, João Lopes, José A. Bragança de Miranda, Maria José Fazenda, Pedro Carreira, Raquel Ribeiro, Ricardo Castro

Colaboração na edição deste número:

Pedro Manuel

Agradecimentos:

Isabelle Gabach/ Abbaye de Maubuisson, Leonel Moura, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, Halles de Schaerbeck, Culturgest, Galeria Graça Brandão, Edições Nova Vega, Mouvement, O Bando, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Festival Internacional de Marionetas do Porto

Logotipo

MERC

Publicidade

publicidade@revistaobsцена.com

Assinantes

assinantes@revistaobsцена.com

Distribuição

distribuicao@revistaobsцена.com

Informações obsцена@revistaobsцена.com

As informações devem ser enviadas até dia 8 de cada mês

Os materiais publicados são da responsabilidade dos respectivos autores, estando sujeita a autorização expressa a sua reprodução total ou parcial. As traduções, excepto quando indicadas, são da responsabilidade da redacção.

www.revistaobsцена.com

A OBSCENA é membro fundador da TEAM Network
(Transdisciplinary European Art Magazines) | www.team-network.eu

A OBSCENA é uma co-edição OBSCENA – Associação e Pixel Reply Lda.

Depósito Legal 274919/08

ICS 125414

ISSN 1646-9658

Periodicidade **Bimestral** Tiragem **3000 exemplares** Impressão **Sig, Camarate**



OBSCENA - Revista de Artes Performativas
Rua Luz Soriano, nº 67, 3º Andar, sala 36
1200 - 046 Lisboa
Tel.: 211 919 444

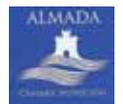
A OBSCENA é apoiada por



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



INSTITUTO
CAMÕES
PORTUGAL



festival de artes performativas
festIVAL
#07COVILHÃ
auditório teatro das beiras
teatro cineFUNDÃO
moagemGUARDA
teatro municipalTORRES NOVAS
teatro virginia

7. Outubro a 31. Outubro'09

Covilhã
7. Outubro'09 > 21h30 > teatro cine
Teatro Praga > *Eurovision*22. Outubro'09 > 21h30 > auditório teatro das beiras
Projecto Transparências | Helena Botto > *O Álbum*29. Outubro'09 > 21h30 > auditório teatro das beiras
Mala Voadoara > *O decisivo na política não é o pensamento individual, mas sim a arte de pensar a cabeça dos outros (disse Brecht).*Fundão > a moagem
17. Outubro'09 > 21h30
Filipa Francisco, Wonderfull's Kova M & convidados > *Íman*24. Outubro'09 > 21h30
Rita Natálio > *Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo*31. Outubro'09 > 21h30
Adriana Sá > *Windowmatter*Guarda > teatro municipal
16. Outubro'09 > 21h30
Olga Mesa > *Solo a ciegas (con lágrimas azules)*24. Outubro'09 > 21h30
David Fernández > *El corazón, la boca, los hechos y la vida*28. Outubro'09 > 21h30
Miso Ensemble > *Itinerário do Sal*Torres Novas
23|24|25. Outubro'09 > todo o dia > vários locais
Patrícia Portela > *Audiomenus*31. Outubro'09 > 21h30 > teatro virginia
João Paulo dos Santos > *Contigo*

www.quartapareda.pt

Organização

Estrutura Financiada por:

Co-Produção:

Fundão

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

M

④

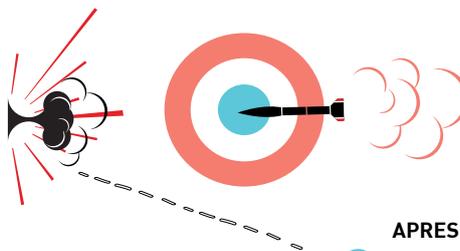
PROPOSTA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES
DE UMA POLÍTICA
PARA O SECTOR CULTURAL

⑥

PORTFOLIO
INTERIORES
de **Olga Roriz**

⑩

OPINIÃO
CAMAROTE PAR
André Dourado

APRESENTAÇÃO

44 PERFORMA 09
texto **Christiane Bouger**

APRESENTAÇÃO

48 CIRCOLANDO
texto **Pedro Ludgero**

APRESENTAÇÃO

52 LOÏC TOUZÉ
texto **Florent Delval**

PORTFOLIO

56 *Breve Sumário da História de Deus*
de **Bernardo Monteiro**

ENTREVISTA

58 CRISTINA CARVALHAL
texto **Cláudia Lucas Chéu**

PERFIL

62 CLARA ANDERMATT
texto **Lúisa Roubaud**

PERFIL

64 FAUSTIN LYNIEKULA
texto **Thomas Hahn**

MEMÓRIA

66 O BANDO
texto **Pedro Manuel**

PERFIL

70 STEVE REICH
texto **David Sanson**

PERFIL

74 DASH SNOW
texto **David Sanson**

A mutabilidade da performance

texto **Cristiane Bouger**

Pela terceira vez a curadora e historiadora de arte RoseLee Goldberg reúne artistas e curadores de diversos pontos do mundo para uma bienal que celebra a história e o futuro da performance. De 1 a 22 de Novembro, Nova Iorque é o palco de todas as atenções.



PERFORMA 09

RoseLee Goldberg, historiadora e crítica de arte, criou, em 2004, a *Performa*, uma estrutura artística multidisciplinar sem fins lucrativos “dedicada a explorar o papel crítico da *live performance* da história do século XX e a encorajar novas direcções para o século XXI”. Em 2005 foi lançada a Primeira Bienal de Artes Visuais *Performativas* em Nova Iorque, a *Performa 05*, seguida, em 2007, pela *Performa 07*.

Com as duas edições a *Performa* consolidou-se como um dos eventos mais aguardados na cidade, já que a bienal surgiu num momento crucial para Nova Iorque. Os artistas recentemente emigrados na cidade não encontravam a mesma Nova Iorque descrita nos livros. Esta falta de entusiasmo pode também denotar-se na programação dos últimos anos do Performance Space 122, dirigido por Vallejo Gantner, voltada sobretudo para a criação internacional (leia na OBSCENA #2 uma entrevista com o programador). Gia Kourlas, crítica de dança no *New York Times*, escrevia em Setembro de 2005: “Nova Iorque deixou de ser a capital mundial da dança contemporânea”. O que só veio causar maior alvoroço entre a comunidade de dança local.

Goldberg assume que não se sentia muito diferente em relação a essa ideia: “sentia que Nova Iorque se estava a tornar demasiadamente séria e focada no mercado naquela época. Vim para cá no início dos anos 70, conheço muito bem o estado de espírito desta cidade e tudo quanto estava a emergir. Nostalgia à parte, senti-a que era possível reacender essa chama e fazer com que as coisas acontecessem. Uma outra razão muito forte foi ter sentido que era tempo de nos focarmos na extraordinária história da performance, de

mostrar como essa história influenciou o século XX. Para mim, criar a *Performa* foi uma necessidade, mas também uma grande alegria assistir à sua rápida aceitação. A recepção não podia ter sido mais entusiasta, desafiando qualquer cepticismo que pudesse ter precedido a primeira bienal.

Dar um contexto histórico a cada ideia de performance

Poder-se-ia dizer que a bienal orquestrada por Goldberg é opulenta e Wagneriana nos seus objectivos. A bienal constituiu-se a partir da profusão de uma série de visões e perspectivas curatoriais, de uma confluência transdisciplinar das áreas, de novos e reconhecidos artistas oriundos das várias partes do mundo, e de uma rede de apoio institucional e financeiro, demonstrando o empenho de Goldberg em manter a história viva, em mostrar as escritas da produção contemporânea, que tão nitidamente se demarcam das práticas estéticas da década de 70. “Honestamente”, diz, “eu penso que as pessoas têm uma ideia bastante limitada sobre do que é a arte da performance. Tendem a pensar a performance como algo esquisito, que se constitui de coisas estranhas e perturbadoras que as pessoas fazem a si próprias. Mas isso descreve um período histórico particular. Hoje assistimos a outros tipos de trabalho, que articulam preocupações muito distintas daquelas. A performance contemporânea não é a mesma ‘performance art’ dos anos 70.”

Evitando compreensões desactualizadas e confusas face aos objectivos da *Performa*, Goldberg optou por atribuir à bienal o nome de “Novas Artes Visuais *Performativas*” em detrimento



de "performance art". Na sua perspectiva, "a 'performance art' foi sempre uma denominação problemática. Nunca ninguém se sentiu confortável com ela. É utilizado de forma muito geral para descrever uma ampla gama de trabalhos que respeitam uma história de cem anos, quando, na realidade, o termo é mais específico dos anos 70. Quero evitá-lo e mostrar que os artistas visuais sempre fizeram performances. Não ousou dizer que a Marina Abramovic ou a Laurie Anderson são artistas da performance, e duvido que elas usem este termo para se auto-denominarem. Elas são artistas que trabalham em vários meios, incluindo a performance. Além disso, ao trazer trabalhos como estes a um público mais amplo, gesto próprio de uma bienal, torna-se importante realçar que nós abarcamos uma grande variedade de artes e mídias."

Muitos de nós ainda estão a tentar identificar quais as fronteiras desse difuso território chamado performance. Neste terreno, no qual surgem muitas questões relativas à sua natureza fugidia, sente-se que a declaração e recusa em considerar a performance como um produto foi substituída pelas suas relações com as instituições e apoio financeiro do mundo da arte contemporânea. Tornou-se performance, afinal, num produto de arte? E, sobretudo, esta é uma questão ainda relevante?

Goldberg começa por dizer que "a arte da performance tem uma longa história, depende de que período estamos a falar. Da mesma forma o mercado da arte tem uma longa história e a relação entre os dois está sempre a mudar. Na década de 20, em Paris e Berlim, o mercado da arte contemporânea era limitado. Os eventos Dadá atraíam um grande número de

artistas e as pessoas pagavam para ver *Relâche*, de Picabia ou *Mamelle de Teresias*, de Apollinaire. Quarenta anos mais tarde, na década de 60, quando emergiu um mercado de arte mais vibrante (Expressionismo Abstracto, Pop Art) a performance era uma actividade anti-mercado, significando também uma arma de activismo num período sócio-político volátil. Nos anos 70, quando os artistas conceptuais protestaram activamente contra a ideia de arte enquanto mercadoria, a performance transformou-se numa arte em si mesma, e uma forma de arte com maior visibilidade em relação às estratégias conceptuais".

Nos últimos dez anos, diz a curadora e autora, "um muito forte mercado de arte fez com que muitos artistas reconhecidos e que trabalhavam em performance, comessem a pensar que era justo que os seus trabalhos pudessem também ter um mercado, juntando-se a isso o facto dos museus terem incorporado nas suas colecções obras produzidas nos anos 70, reconhecendo conseqüentemente muito do trabalho *performativo* daquele período". "O papel do museu tem-se transformado radicalmente", afirma RoseLee Goldberg. "Hoje, são palácios de cultura que atraem grandes aglomerações de pessoas fascinadas pela proximidade com os artistas e pela *arte ao vivo*. A performance não é um produto de arte no sentido de mercadoria, mas pode no entanto, precisar de muito dinheiro para ser produzida. A questão é relevante, mas a resposta é uma resposta historicamente mais ampla."

Se, de certa maneira, é possível afirmar que os artistas não dependem do mercado, dos curadores ou das instituições para existirem para além do *sistema*, não é menos verdade





The Futurist Banquet As Seen During Milk Bathed In Green Light, An Appetizer: 2009
fotografia de Paula Court

que as fronteiras do “estabelecido/comercial” e do “marginal” contam com uma história de sobreposições e margens difusas. O *punk rock* promovido pela indústria fonográfica no final dos anos 70 e a vida e a arte de Dash Snow nas páginas e capa da revista *New York*, em 2007, são apenas alguns exemplos recentes destas relações controversas.

Não há como negar que o mundo da arte é também ele feito de relações de poder, encomendas institucionais baseadas em interesses dos mecenas e mercadorias artísticas em alta. Neste contexto, uma estrutura como a *Performa*, que tem mostrado saber reunir experiências e concepções singulares na sua relação com os artistas e a cidade, possibilita-nos vislumbrar algumas das alternativas possíveis a esse *sistema*.

Uma bienal da totalidade

Goldberg considera a *Performa* uma bienal única pelo seu cariz multidisciplinar, pela sua relação com a cidade e pelo número de curadores e instituições parceiras envolvidas. Num encontro recente com os membros das instituições associadas à *Performa*, onde se incluem o MoMA, The Kitchen, The Baryshnikov Center e El Museo del Barrio, estiveram presentes mais de 50 curadores. Uma reunião como esta, enfatiza Goldberg, foi “na verdade, a primeira na história de Nova Iorque”. Entre os curadores e artistas que constituem o conselho curatorial da bienal estão Marina Abramovic, Yoko Ono, Yuko Hasegawa, Meredith Monk, Joan Jonas, Catherine Wood (Tate Modern) e Octavio Zaya.

Os mais de vinte e cinco curadores conferem eles mesmos uma perspectiva ampla e multifacetada sobre o que é performance. Em vez de criar linhas programáticas, Goldberg gere uma extensa conversa com todos os curadores e instituições nova-

iorquinas, bem como curadores independentes de todo o mundo. Todas as propostas são discutidas desde o início do seu processo e observadas enquanto se desenvolvem.

“A performance vive em constante mutação”, diz a curadora que quer proporcionar uma experiência transformadora para o participante, de modo que este “veja algo que nunca mais esquecerá”. Segundo Goldberg, “o programa curatorial, no seu todo, foca-se muito na cidade – activismo cultural como forma de urbanismo para o século XXI”. E explica: “Ao programar a *Performa*, estou muito consciente do objectivo de mobilizar toda a cidade, não apenas criar um evento de arte específico para espaços de arte ou performance seleccionados. Nós desenhamos o programa de forma a que as pessoas tenham que atravessar a cidade – em direcção a Upper Manhattan, e de Lower Manhattan para a beira-rio, sentindo assim a rua a mudar sob seus pés, ao mesmo tempo que descobrem fachadas e horizontes antes desconhecidas. Nova Iorque é uma cidade original – verdadeiramente uma cidade para se caminhar – e nós criámos um programa que seduz o observador a ponto de torná-lo consciente dos vários níveis de vida destas ruas. Não se trata apenas de descobrir novas rotas e novos espaços, mas de potenciar novas associações”. Nesta estrutura *site-specific*, a *Performa 09* apresentará o trabalho de mais de oitenta artistas, cruzando homenagens à arte de vanguarda e apresentações de tendências contemporâneas. A rede de parcerias envolve mais de sessenta instituições de arte, incluindo o Anthology Film Archives, The Kitchen, The Japan Society, Judson Memorial Church, The Solomon R. Guggenheim Museum e o Brooklyn Academy of Music. Também uma rede de espaços públicos e privados nas cinco regiões da cidade (Manhattan, Brooklyn, Queens, The Bronx e Staten Island) apresentarão também extensões do evento.



De 9 a 22 de Novembro
Nova Iorque
é o palco de todas as atenções

Se, por um lado, a bienal privilegia artistas visuais com meios financeiros generosos para a criação de trabalhos originais, – afinal a performance teve origem entre eles – por outro, cria espaços para a manifestação das mais diversas áreas artísticas, incluindo dança, teatro, cinema, vídeo, poesia, música, moda, artes gráficas, culinárias, arquitetura e projetos online.

Se a bienal presta homenagem à história celebrando os trabalhos radicais criados por inconformados como Marina Abramovic (*Performa 05*), Allan Kaprow (*Performa 07*) e Marinetti (*Performa 09*), vislumbra também um sentido de urgência na compreensão da produção actual de jovens artistas e artistas já reconhecidos, permitindo-nos a possibilidade de repensar o significado da *live art* no contexto actual. Se apresenta uma confluência de artistas internacionais, também foca a diversidade da cena histórica e contemporânea de Nova Iorque, como podemos constatar pela apresentação dos trabalhos de Deborah Hay e Yvonne Rainer (duas das fundadoras do Judson Dance Theater, em 1962), e do trabalho de uma nova geração de coreógrafas como Maria Hassabi. Tal diversidade é extremamente enriquecedora para o exercício permanente de compreensão da cena contemporânea na sua pluralidade e complexidade. Agindo como um radar e activador, a *Performa* tenta proporcionar um panorama plural sobre da arte contemporânea de todo mundo. ☞

Para saber mais:

Performa 07 – A Dança depois da coreografia na OBSCENA #2

Performa 05 – recensão à obra na OBSCENA #5;

A Arte da Performance, de RoseLee Goldberg – recensão à edição portuguesa (Orfeu Negro) na OBSCENA #8

A autora agradece a Brandi Copher, Marisa Schweikert e Margie Rauen pela consultadoria e tradução das terminologias específicas em inglês, alemão e português, respectivamente

A *Performa* celebrará o centenário do *Manifesto Futurista*, escrito pelo poeta italiano Filippo Tommaso Marinetti em 1909, com vários olhares sobre “as propostas radicais dos Futuristas há um século atrás, inspirando uma visão para o século XXI nos artistas de hoje.”

Foram encomendados trabalhos originais a artistas como Guy Ben-Ner, Omer Fast, Dominique Gonzalez-Foerster, Mike Kelley, Yeondoo Jung, Arto Lindsay, Wangechi Mutu, Christian Tomaszewski e Candice Breitz. Alguns destes artistas estão a criar trabalhos em projectos de performance pela primeira vez nas suas carreiras. Os artistas receberão, no total, mais de 350 mil euros da *Performa*, com projectos individuais apoiados com valores que variam entre os 30 mil e os 100 mil euros, fazendo da *Performa Commission* um dos mais generosos apoios para artistas, ao qual se junta a disponibilização de uma equipa completa de produção, acompanhamento junto da imprensa e a respectiva apresentação dos trabalhos. Alguns destes trabalhos, após a estreia em Nova Iorque viajarão para outros locais como Milão, Cidade do México e Xangai.

O programa de dança conta ainda com uma selecção exuberante de trabalhos, entre outros obras de Meg Stuart (*Auf den Tisch!*, apresentado em Lisboa no Teatro Camões, em 2007), Deborah Hay (*If I Sing To You*), Yvonne Rainer (*Spiraling Down*), ou Anna Halprin (*Parades & Changes*, recriado por Anne Collod e apresentado na Culturgest e em Serralves em Janeiro deste ano – veja na OBSCENA #15 a crítica à peça). ☞

Consulte a programação em <http://performa-arts.org>

